

EDITORIAL

O presente número da *Revista de Italianística*, inteiramente dedicado aos Estudos Literários, é fruto de uma profícua experiência de colaboração entre a Universidade de São Paulo e a Associação Brasileira de Professores de Italiano (ABPI) e reúne aqui artigos resultantes, em sua maioria, de trabalhos apresentados no “XVI Congresso da ABPI, XVI Encontro Internacional de Estudos Italianos, V Jornada de Italianística da América Latina e III Seminário Internacional de Estudos Camillerianos”, ocorrido em Fortaleza no mês de outubro de 2015, que teve como eixo temático a discussão em torno das relações entre Itália e Brasil, línguas e culturas em contato.

Trata-se, em seu conjunto, de trabalhos assinados por pesquisadores, docentes e pós-graduandos de universidades brasileiras e italianas, que nos oferecem um vasto panorama de abordagens sobre a Literatura Italiana, abarcando uma produção que vai do século XIX aos nossos dias.

Abrindo este número, o artigo de **Celina Maria Moreira de Mello**, “O poeta entre o literário, o político e a polêmica: a recepção de Dante, no romantismo francês”, trata da “redescoberta” do “pai” da língua italiana e de outros autores italianos pelos franceses no século XIX, no chamado *boom* de traduções. Assinalando os diferentes modos de apropriação da obra dantesca, a autora coloca em evidência também a sua influência na produção pictórica de artistas como Eugène Delacroix e Ary Scheffer, e na produção literária de Balzac, Alfred de Vigny, Chateaubriand,

Madamme de Staël, Lamartine, Baudelaire e Verlaine. Curiosa é a afirmação de Eugène Aroux que aponta Alighieri como um herético, revolucionário e socialista, além de iniciado na Ordem dos Templários. Conclui o artigo, a polêmica entre Fauriel e Esquiros sobre a biografia de Dante, de autoria do primeiro deles, nas páginas dos periódicos franceses.

Na mesma atmosfera do Romantismo, **Gisele Batista da Silva** discute o papel do poeta Giacomo Leopardi no debate acerca da *questão da língua*, tema relevante não apenas para Leopardi nas páginas do *Zibaldone*, mas para todo o contexto da cultura italiana, visto que sustentou a definição e a orientação das produções literárias naquele país até o Romantismo. Nesse contexto, a autora destaca as reflexões do poeta sobre a oposição entre o pensamento dos modernos e dos antigos, a partir das quais ele empreende sua crítica às limitações da razão iluminista.

Passando do Romantismo ao Decadentismo, **Fernanda Gerbis Felipe de Lacerda e Flora de Paoli** apresentam “As inquietações dannunzianas”, analisando sobretudo a produção teatral do *Vate*, com enfoque nas influências da obra de Aristóteles e de Nietzsche. O *super homem* nietzschiano e a *femme fatale* wildiana, *topoi* literários que permeiam a obra dannunziana, também merecem destaque na leitura feita pelas autoras, principalmente em *La figlia di Iorio* e *Il Martirio di San Sebastiano*.

Segue a contribuição de **Vanessa Beatriz Bortulucce**, uma tradução comentada, e inédita no Brasil, de “Os Pintores Futuristas” de Roberto Longhi. O texto do escritor e crítico de arte italiano, publicado em 1913, considerado pela estudiosa brasileira “um ensaio vibrante e consistente”, valoriza a obra dos vanguardistas italianos e consolida a sua produção no panorama e na cronologia da arte italiana. O ensaio de Longhi é pioneiro em analisar a fundo a estética futurista e sua produção pictórica.

O artigo seguinte, de **Fabrizio Rusconi e Andrea Lombardi**, “*La Cognizione del dolore: esperienza di traduzione e forme di lettura*”, parte curiosamente das reflexões de Leopardi sobre a tradução para analisar a tradução brasileira do romance de Carlo Emilio Gadda, *O conhecimento da dor*, publicado em 1998. Os estudiosos discutem, através da comparação entre o texto original e aquele traduzido, a importância de uma correta avaliação da especificidade do texto e da necessidade de tomada de consciência por parte do tradutor no que diz respeito às escolhas realizadas na tradução, a fim de evitar distorções e modificações no original, sobretudo se pensarmos em casos tão particulares como o de Gadda.

Também no campo tradutológico, o artigo de **Mauro Porru** centra-se na análise da tradução italiana da obra de Jorge Amado, de autoria de Elena Grechi, publicada pela editora Garzanti em

1987, sublinhando as escolhas da tradutora e a sua interferência no texto amadiano, censurando, modificando, adaptando e reescrevendo o texto original. O autor propõe, também, alternativas para a tradução de Grechi. De certa maneira, aqui temos apontados problemas semelhantes àqueles tratados no estudo sobre a tradução de Gadda no Brasil.

Já o ensaio seguinte, “Sciascia e Camilleri tra racconto e cronaca sociale”, de **Giuseppe Marci**, parte de uma reflexão de Jorge Amado que, segundo o estudioso, pode ser utilizada para explicar um aspecto importante da obra dos sicilianos Leonardo Sciascia e Andrea Camilleri, ou seja, a ideia de que ambos, assim como Amado, narram aquilo que sabem, numa clara alusão a Heródoto de Halicarnasso: “pensar o passado para compreender o presente e idealizar o futuro”.

A viagem de Alberto Moravia ao Brasil, em 1960, para presidir o Congresso do PEN Club, é o ponto de partida do artigo de **Simone Casini**, “Brasile 1960: gli anni della svolta per Alberto Moravia”, que demonstra como as viagens feitas ao Rio de Janeiro, Bahia e Brasília, tenham sido decisivas para uma virada no percurso artístico, intelectual e humano do escritor romano. Analisando os artigos de Moravia escritos para os jornais italianos da época e uma sua resenha ao livro de Carolina de Jesus, Casini nos mostra como a experiência brasileira foi capaz de abrir novas perspectivas no campo literário e marcar significativamente a produção posterior do escritor italiano.

Concluindo este número da Revista, a resenha de **Doris Nátia Cavallari** do livro *La realtà come invenzione. Forme e storia della novella italiana* (2015), de Elisabetta Menetti, renomada estudiosa do gênero novelístico, que propõe uma excelente discussão sobre a questão da novela e de sua formação na Itália.

Esperamos que a reunião dos artigos apresentados, reflexo da colaboração sempre constante de estudiosos ligados à Associação Brasileira dos Professores de Italiano, nos convidem mais uma vez a refletir sobre as lutas e conquistas em favor da expansão do ensino da língua e da cultura italiana no Brasil e no mundo.

Fabiano Dalla Bona (Presidente da ABPI) e Adriana Iozzi Klein.